

Enlace 19

Categorias e conceitos: limites do entendimento e das avaliações morais acerca da singularidade humana

A maior parte das reflexões acerca de como devemos entender as várias faces com as quais a humanidade se apresenta, partem de categorizações e conceitos fechados. Isso quer dizer que elencamos características necessárias e suficientes para que possamos classificar os mais variados modos de ser no mundo, abrindo caixas e colocando dentro delas aqueles e aquelas que correspondem às características elencadas como primordiais para o sentimento de pertença àquele conceito e/ou categoria. Nesse contexto, invariavelmente, as classificações são feitas e destas decorrem juízos de valor. Queremos incentivar trabalhos que proponham reflexões acerca do modo limitador e moralizador com que as categorias/conceitos de homem, mulher, gay, lésbica, deficiente, não-deficiente, negro/a, índio/a, branco/a, etc., são estabelecidas e, também, sobre o modo naturalizado e essencialista com que elas se apresentam, afetando diretamente aqueles e aquelas a quem, de um modo ou de outro, não é permitida a pertença àquele conceito/categoria, ainda que se sintam como a ele pertencente. A proposta pode ser baseada em duas frentes que estão enlaçadas: primeiro, analisar como entendemos os grupos fechados e quais são as características necessárias e suficientes que estabelecemos para entender (e admitir nos grupos) alguém como homem, mulher, gay, lésbica, deficiente, não-deficiente, negro/a, índio/a, branco/a, etc. Aqui a discussão com as teorias *queer* e *crip* é de suma importância. Segundo, ao estabelecermos as essências que fazem com que X ou Y possam pertencer a determinados grupos sociais, propomos refletir sobre os juízos de valor que determinam a superioridade de um grupo sobre outro; neste ponto a discussão pode ser ampliada para uma reflexão sobre o problema moral do capacitismo, por exemplo. Nesse sentido, a proposta efetiva é a de fomentar a discussão sobre quão limitados são nossos conceitos e categorias e como julgamos as pessoas a partir de juízos de valor que estão ligados à forma como determinado grupo social estabelece como o tipo certo ou errado de ser no

mundo. Sugerimos a possibilidade de criar conceitos plurirreferenciais que não sejam limitados por modos de ver o mundo carregados de moral essencialista, procurando transpor barreiras linguísticas e sociais que enquadram certos humanos como mais capazes do que outros (porque a própria noção de capacidades pode ser questionada), essencialmente heterossexuais ou homossexuais, ou ainda racialmente determinados, enfim, de um tipo humano que é sempre posto como superior ou inferior a outro.